



AS POSSIBILIDADES E SUPERAÇÃO DE ENTRAVES NO ENSINO MÉDIO: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

Sara Cristine Soares Fernandes¹ Maria Elane de Carvalho Guerra²

Resumo:

O estágio constitui-se parte importante da construção do licenciando e futuro docente, visto que lhe permite aliar a teoria com a prática pedagógica, além de vivenciar atividades inerentes a sua futura profissão. Dessa forma, o presente trabalho tem como objetivo promover a reflexão acerca dos desafios e possibilidades no contexto do estágio e sua influência na formação inicial de professores. O estágio ocorreu em uma escola profissionalizante situada no bairro Messejana. A escola, em questão, dispõe de quadra poliesportiva, laboratórios de ciências, enfermagem, estética e informática, as salas são todas climatizadas e a escola possui rampa de acessibilidade. As turmas contempladas pelo estágio foram Enfermagem 1 e 2, Finanças 3 e Informática 2. O momento de acolhida pela escola se deu pela apresentação da estagiária e reconhecimento da instituição, seguido das etapas de observação e regências. O período de observação e regências se destacaram pois permitiu-me refletir sobre a prática docente e as estratégias que podem e devem ser adotadas visando a aprendizagem efetiva dos alunos, assim como oportunizou, ao futuro professor, somar conhecimento ao seu processo de formação.

Palavras-chave: Formação docente. Vivências. Educação.

1. INTRODUÇÃO

O estágio constitui-se parte importante da construção do licenciando e futuro docente. Conforme Sebastião (2022), o estágio possibilita um ambiente de ensino e aprendizagem; é o momento em que o futuro profissional da educação se debruça em novas perspectivas, dificuldades, novos saberes e situações cotidianas intrínsecas do seu futuro ambiente de trabalho e de sua profissão. Dessa forma, é notório o quanto o estágio supervisionado é essencial para a construção e formação da identidade docente, somando experiências a sua trajetória acadêmica e proporcionando a prática pedagógica.

Em vista disto, o trabalho a seguir tem por objetivo promover a reflexão acerca dos desafios e possibilidades no contexto do estágio e sua contribuição para a construção do ser professor. É conveniente ressaltar que o relato dessa experiência possibilita um olhar atento ao processo de ensino e serve como subsídio para a formação do pensamento

¹ Graduanda em Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Ceará, sara.cristine@aluno.uece.br

² Docente do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Universidade Estadual do Ceará, elane.guerra@uece.br

crítico a respeito da carreira docente e suas particularidades.

O estágio supervisionado sucedeu-se em uma escola situada no bairro Messejana, a qual possui grande relevância e é uma das referências em ensino no bairro correspondente. A escola possui educação profissionalizante, o que inclui, além do ensino regular, cursos técnicos em enfermagem, estética, finanças e informática. Com relação à infraestrutura do ambiente escolar, a escola dispõe de quadra poliesportiva, as salas são todas climatizadas, há rampas de acessibilidade à Pessoa com Deficiência (PcD), presença de laboratório de ciências, informática, além dos laboratórios aos quais se desenvolvem as atividades do curso técnico, como laboratório de estética e de enfermagem, além de cozinha e refeitório, uma vez que os alunos estudam na modalidade tempo integral e dividem parte de suas atividades com os cursos técnicos.

No tocante às turmas, a identificação das mesmas não segue o método convencional, ao contrário, são identificadas de acordo com o curso técnico seguido da série, como Enfermagem 1, 2 e 3, e assim por diante. As turmas as quais foram contempladas durante o estágio foram Enfermagem 1 e 2, Finanças 3 e Informática 2.

Conforme o que foi constatado e observado, a turma de Enfermagem 1 era constituída por 40 alunos, os quais, de modo geral, mostravam-se bem curiosos e participativos durante as aulas e tinham facilidade em apreender os conteúdos. Já a turma de Enfermagem 2 conta com 39 alunos que, de forma genérica, tinham uma boa relação com a professora, eram bem criativos e participativos. A turma de Finanças 3 era formada por 31 alunos, os quais gostavam de participar das aulas, possuíam uma boa afinidade com a disciplina de Biologia, carregavam uma bagagem maior de conhecimento e atendiam melhor às solicitações da professora. E, por fim, a turma de Informática 2, de modo geral, era bem mais agitada, os alunos ficavam mais dispersos durante as aulas, mas eram curiosos e interagem bastante.

Destarte, o foco temático deste trabalho consiste no período de observação e regência, a qual dará ênfase às experiências vivenciadas nesse processo e a construção, a partir disso, do pensamento crítico a respeito da educação no Brasil e as infinitas possibilidades dentro de sala de aula.

2 DESENVOLVIMENTO

Para uma melhor compreensão deste trabalho, o desenvolvimento foi dividido em subtópicos, a saber: Período de observação: potencialidades; Relação professor supervisor e estagiário e Regência: os desafios.

2.1 Período de observação: potencialidades

O período de observação tem como fim próprio, promover um diagnóstico do ambiente escolar e, a partir disso, o licenciando pode refletir e formular um pensamento crítico sobre os entraves e possibilidades que permeiam o contexto escolar e a sua profissão, levando-o a superar essas barreiras educacionais e tentar se preparar para a realidade que o cerca (Zinke; Gomes, 2015). Com isso, fica evidente o quanto o período de observação é fundamental durante o período de estágio, uma vez que contribui para as vivências do licenciando, enquanto este se prepara para assumir o cargo de magistério.

Durante a fase de observação, um fato interessante que se destacou foi a promoção, pela escola, da autonomia do aluno como um aspecto central do seu desenvolvimento e aprendizagem. Quanto a isso, cada turma possui um líder e, além disso, existe um monitor para cada disciplina, portanto, há um monitor para a disciplina de Português, Biologia, Matemática e assim por diante. Esses monitores faziam as

revisões para as provas, além de auxiliar os professores no que for necessário. Além disso, a professora de Biologia estava constantemente propondo atividades que possibilitassem a autonomia dos alunos para a realização dessas atividades, como a exposição de um conteúdo sem apresentá-lo de forma tradicional.

Referente às atividades propostas pela professora supervisora, visando estimular a autonomia e criatividade dos alunos, uma das quais me chamou a atenção foi apresentação de conteúdos de Fisiologia Humana. Nessa atividade, os alunos foram divididos em equipes e cada equipe deveria falar sobre alguns sistemas do corpo de uma forma diferenciada. Os alunos desenvolveram métodos diversos para a exposição do conteúdo, uma equipe, por exemplo, expôs o conteúdo em formato de um programa de notícias, outra equipe se inspirou na série chamada “Show da Luna”, a qual possui a mesma finalidade de ensinar de uma forma divertida. Dessa forma, a atividade proposta possibilitou aos alunos colocarem suas habilidades, criatividade e autonomia para decidir a melhor forma de apresentar as temáticas.

Com relação a isso, promover a autonomia do aluno permite-o desenvolver e/ou identificar habilidades, responsabilizar-se pela construção da sua própria aprendizagem, tomar decisões com responsabilidade e consciência, estimular o pensamento crítico acerca da realidade e solucionar problemas que lhe são apresentados (Silva; Lima, 2020; Alves; Oliveira; Melo, 2022; Costa Júnior *et al.*, 2022). Com isso, a autonomia do aluno é essencial para a construção não só do processo de aprendizagem do aluno, como também na formação de cidadãos conscientes e responsáveis.

Outro ponto que me chamou atenção foi a relação entre o professor supervisor e os discentes. Na turma de Enfermagem 1 essa relação se tornou mais perceptível, pois a professora estava ministrando aula sobre Citologia e, em um determinado momento, uma aluna questionou a professora sobre sexualidade e assuntos relacionados. Como os alunos tinham uma boa relação com a professora regente, debater sobre sexualidade não foi um problema e a professora prontamente se dispôs a solucionar as dúvidas dos alunos, embora não, necessariamente, estivessem relacionadas com o conteúdo programado para aquela aula.

No que se refere a temas relacionados à sexualidade, pode-se afirmar que são assuntos que, ao serem debatidos, geram certos constrangimentos na sociedade. Conforme Silva, Araujo e Vieira (2021) debater sobre sexualidade é uma questão complexa repleta de tabus e é uma temática evitada em diversos setores sociais, como família, religião e, inclusive, no âmbito escolar. Dessa forma, para que assuntos como esse possam ser abordados de forma espontânea, em sala de aula, é necessário que haja uma relação de proximidade e idoneidade entre professores e alunos e, para além disso, os professores precisam estar abertos ao diálogo, esclarecendo os questionamentos e abordando os assuntos de forma clara e respeitosa (Sá-Silva, 2015).

2.2 Relação professor supervisor e estagiário

Outro aspecto positivo durante o estágio foi a relação estabelecida entre o professor supervisor e o estagiário. No tocante a isso, a priori, o estágio surge como um desafio para os licenciandos, especialmente aqueles que não possuem experiência com sala de aula, e, por vezes, uma das aflições que os cercam é o professor supervisor, pois até mesmo este pode não se sentir à vontade com a presença de alguém que estará avaliando sua prática pedagógica, metodologias e dentre outras coisas. No entanto, quando existe uma relação de troca entre o professor supervisor e o estagiário, o processo de estágio, como um todo, se torna uma experiência positiva para ambos os envolvidos.

Costa, Castro e Silva (2022) destacam que o professor supervisor, juntamente com

o professor orientador da disciplina de estágio, possui papel fundamental na formação de futuros professores, haja vista que a relação professor regente e estagiário propicia a construção de novos conhecimentos, permitindo o crescimento tanto do profissional da educação, em sua formação continuada, quanto do professor em formação (estagiário).

Em consonância com esse pensamento, Souza (2016) aponta que o compartilhamento de vivências entre o professor supervisor e o estagiário possibilita uma visão ampla do ensino e suas necessidades e, através disso, é possível traçar estratégias para oferecer uma boa formação de qualidade aos licenciandos, visando atenuar as problemáticas atreladas ao ensino. Dessa forma, a construção de uma boa relação entre o professor supervisor e estagiário, é essencial para o processo de formação do licenciando.

A relação estabelecida entre mim e a professora supervisora, foi bem positiva. A professora regente sempre me deixava à vontade e confortável para escolher os conteúdos da regência, me dava espaço para complementá-la quando a mesma estava ministrando o conteúdo, me deu muitos conselhos e me fez refletir um pouco sobre o nosso trabalho enquanto educadoras e dentre outros aspectos.

2.3 Regências: os desafios

No que se refere à regência, esta é uma das etapas do estágio que gera bastante apreensão nos estagiários. No entanto, devido à experiência adquirida nos estágios anteriores, foi um processo até que tranquilo quando fui iniciar as regências, porém algumas preocupações foram surgindo ao longo dessa jornada.

Um dos fatores que me gerou inquietações foi a metodologia a ser utilizada na transposição didática. Isso ocorreu porque a professora supervisora me informou que as turmas de 2º ano compreendiam melhor o conhecimento em forma de diálogo, sem muita escrita no quadro, tanto que, em suas aulas, a professora supervisora adotava essa metodologia. Porém, eu não tinha experiência em dar aula dessa forma e também prefiro expor o conteúdo de uma forma mais organizada e seguindo uma linha de raciocínio. Logo, me deparei com a dificuldade de expor o conteúdo em forma de “uma conversa”.

Isso me deixou bem apática em ministrar aulas para essas turmas, pois não me sentia confortável e sentia que eu não tinha liberdade para expor o conteúdo da forma como estou adaptada. Em uma das aulas na qual eu estava ministrando, nesse formato de diálogo, cheguei a mencionar com a turma que eu tinha ouvido falar que eles aprendem melhor sem escrever muita coisa no quadro e eles confirmaram que sim, mas que também precisam copiar algo no caderno pra ter noção do que estudar e também para fixar melhor o conteúdo. Logo, depois de ouvir esse relato, eu passei a dar aulas da forma como me sinto mais confortável e obtive um retorno muito positivo em relação à isso.

Outra adversidade que surgiu foi atenuar a aversão dos alunos pelos conteúdos de Ecologia. Krizek e Muller (2021) argumentam que a Ecologia é uma das áreas da Biologia que engloba várias áreas e possui vários conceitos, com isso, o processo de ensino e aprendizagem é repleto de generalizações, ao passo que também possui diversas particularidades, contribuindo, assim, para a abstração em torno dessa ciência. Além disso, é característico da própria Biologia a complexidade das relações estabelecidas entre os organismos e, destes, com o meio ambiente (Aquino *et al.*, 2024), levando ao professor adotar estratégias didáticas para o seu ensino.

Os conteúdos de Ecologia foram ministrados na turma de finanças 3 e, antes de dar as regências, a professora havia me informado que os alunos não gostavam muito de Ecologia e isso ficou evidente quando a professora supervisora ministrou aula sobre Cadeia e Teia alimentar. No entanto, nesta aula, eu percebi que a professora não utilizou nenhum recurso visual, como imagens ou desenhos, para tentar facilitar a visualização do que os alunos estavam aprendendo, o que, provavelmente, deve contribuir para a

dificuldade na aprendizagem de Ecologia, apresentada pelos alunos.

No tocante a isso, o uso da ilustração científica no contexto educacional é imprescindível, pois auxiliam na melhor compreensão e integralização do que está sendo apresentado aos alunos, além disso, a imagem é capaz de promover a concepção, o entendimento e a construção do senso crítico sobre a realidade em seu entorno (Silva; Valadares; Mourão, 2023), sendo esse último é essencial quando nos referimos as temáticas ecológicas.

Dessa forma, quando fui dar continuidade aos demais conteúdos que envolvem a Ecologia, tentei trazer mais recursos visuais, para que os alunos compreendessem melhor os conteúdos, através da utilização de slides. Com isso, foi perceptível que os alunos se mostravam mais participativos nas aulas e, sempre que tinha imagem associada a texto, eles conseguiam assimilar melhor o que estava sendo ensinado, uma vez que o uso de ilustração tem essa finalidade de complementação.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi apresentado, e ao longo de todas as experiências vivenciadas pelos estágios, foi possível reafirmar e construir uma identidade docente, agora com mais experiências em sala de aula e mais preparada para lidar com os embates presentes na educação, porém, com mais certeza de que o ensino me escolheu e eu me encontrei e me debrucei nessa área de desafios e possibilidades.

Esse estágio me proporcionou enxergar a importância da relação aluno-professor como uma aliada não só da aprendizagem dos alunos, mas visando estabelecer uma relação de confiança para que temas que são considerados “tabus” ou que são polêmicos, possam ser trabalhados de forma direta, mas sempre respeitosa.

No mais, encerro esse ciclo repleta de novos aprendizados, de reflexão, de expectativas e esperança de poder contribuir para uma educação de qualidade, no qual o aluno deve ser priorizado no processo de aprendizagem.

REFERÊNCIAS

ALVES, Jovelina C.; OLIVEIRA, Maria L. A. M.; MELO, Simone P. De A. L. Uma reflexão sobre a importância da construção da autonomia no processo educativo. **Revista Educação Pública**, 2022. Disponível em:

<https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/22/30/uma-reflexao-sobre-a-importancia-da-construcao-da-autonomia-no-processo-educativo>. Acesso em: 28 jun. 2024.

AQUINO, Rafael S. de *et al.* Influências de concepções paradigmáticas da ciência em textos de licenciandos de Ciências Biológicas sobre ecologia. **Educação em Revista**, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/YccMbmKfjdTq9DN35gZ54QP/#>. Acesso em: 28 jul. 2024.

COSTA, Elisângela. A. da S.; CASTRO, Mariana C.; SILVA, José P. G. da. Estágio supervisionado e formação: A influência do professor regente nos primeiros anos de vida profissional de egressos em Pedagogia. **Formação docente**, 2022. Disponível em: <https://www.revformacaodocente.com.br/index.php/rbpf/article/view/593/326>. Acesso em: 16 jul. 2024.

COSTA JUNIOR, J. F. As Metodologias Ativas no processo de Ensino/Aprendizagem e a autonomia docente: um breve estudo sob a ótica de John Dewey. **Traços e Reflexões:**

Educação e Ensino, 2022. Disponível em:
<https://periodicos.processus.com.br/index.php/ppds/article/view/461>. Acesso: 28 jun. 2024.

KRIZEK, João P. O.; MULLER, Marcus V. D. V. Desafios e potencialidades no ensino de ecologia na Educação básica. **Associação Brasileira de Ensino de Biologia (SBEnBio)**, 2021. Disponível em:
<https://renbio.org.br/index.php/sbenbio/article/view/401/190>. Acesso em: 28 jul. 2024.

SÁ-SILVA, Jackson R. Ações docentes em educação sexual nas escolas. **Pesquisa em foco**, 2015. Disponível em:
https://ppg.revistas.uema.br/index.php/PESQUISA_EM_FOCO/article/view/915/727. Acesso em: 23 jul. 2024.

SEBASTIÃO, Laiane M. A contribuição do estágio supervisionado: teoria-prática na formação do pedagogo. **Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento**, 2022. Disponível em: <https://www.nucleodoconhecimento.com.br/educacao/formacao-do-pedagogo>. Acesso em: 24 jun. 2024.

SILVA, Jefferson D. dos A.; LIMA, Maria V. R. de O. Autonomia do aluno em EAD. **V Congresso Nacional de Educação (Conedu)**, 2020. Disponível em:
https://ceduc.unifei.edu.br/wp-content/uploads/2020/05/Autonomia_do_aluno_em_EaD.pdf. Acesso em: 15 jul. 2024.

SILVA, Sulene R. da; ARAÚJO, Eleno M. de; VIEIRA, V. M de O. A importância da abordagem de gênero e sexualidade no contexto escolar. **Brazilian Journl of Development**, 2021. Disponível em:
<https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/30307/23835>. Acesso em: 23 jul. 2024.

SILVA, Rondineli R.; VALADARES, Juarez M.; MOURÃO, Raquel P. O uso de imagens como ferramenta educacional nas aulas de ciências. **Revista Multidisciplinar de Educação e Meio Ambiente**, 2023. Disponível em:
<https://ime.events/coneamb2023/pdf/29280>. Acesso em: 30 jul.2024

SOUZA, Renata V. Os professores regentes frente aos estágios supervisionados: Contribuições e desafios deste profissional. **Revista de Estudos Geoducacionais (GEOSABERES)**, 2016. Disponível em:
<https://www.redalyc.org/journal/5528/552862327010/html/>. Acesso em: 16 jul. 2024.

ZINKE, Idair A.; GOMES, Diana. A prática de observação e a sua importância na formação do professor de geografia. **EDUECERE: XII Congresso Nacional de Educação**, 2015. Disponível em:
https://dhrm.unir.br/uploads/11194454/arquivos/observa__o_em_geografia_791065745.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.